

Albert Camus

A QUEDA

tradução de
José Terra

LIVROS DO BRASIL

Posso oferecer-lhe os meus serviços, meu caro senhor, sem me tornar importuno? Receio que não saiba fazer-se entender pelo respeitável gorila que preside aos destinos deste estabelecimento. Com efeito, ele fala apenas holandês. A não me autorizar que defenda a sua causa, ele nunca adivinhará que o senhor quer genebra. Olhe, espero ter sido compreendido; aquele aceno de cabeça deve querer dizer que se rende aos meus argumentos. Lá vai ele, com efeito, despacha-se com uma sábia lentidão. O senhor está com sorte, ele não resmungou. Quando se recusa a servir alguém, basta-lhe resmungar: ninguém insiste. Ser senhor dos seus humores é o privilégio dos grandes animais. Mas vou retirar-me, caro senhor, e muito gosto em o ter servido. Muito obrigado, aceitaria se tivesse a certeza de não ser maçador. É muito amável. Vou trazer então o meu copo para junto do seu.

Tem razão, o mutismo dele é ensurdecedor. É o silêncio das florestas primitivas, carregado até à boca. Admiro-me, por vezes, da obstinação com que o nosso taciturno amigo desdenha das línguas civilizadas. O seu ofício consiste em receber os marítimos de todas as nacionalidades neste bar de Amsterdão, a que, aliás, pôs o nome, não se sabe porquê, de *Mexico-City*. Com tais obrigações, é de recear, não acha?, que a sua ignorância lhe seja incômoda. Imagine o homem de Cro-Magnon hóspede da torre de Babel! Sofreria, pelo menos, de despaiamento. Mas este não, este não sente o seu exílio, segue o seu caminho, nada o abala. Uma das raras frases que ouvi da sua boca proclamava que era pegar ou largar. Pegar ou largar o quê? Sem dúvida, ele mesmo, o nosso próprio amigo. Sinto-me atraído, confesso-lhe, por estas criaturas inteiriças. Quando se meditou muito sobre o homem, por ofício ou vocação, acontece-nos sentirmos nostalgia dos primatas. Esses, ao menos, não têm segundas intenções.

O nosso hospedeiro, para dizer a verdade, tem algumas, ainda que as alimente de uma maneira confusa. À força de não perceber o que se diz na sua presença, ganhou um carácter desconfiado. Daí este ar de gravidade retraída, como se suspeitasse, pelo menos, de que algo não corre bem entre os homens. Tal disposição torna menos fáceis as discussões que não digam respeito ao seu ofício. Veja, como exemplo, por cima da cabeça dele, na parede ao fundo, aquele retângulo vazio que indica o lugar de um quadro retirado. Havia ali, com efeito, um quadro, e de particular interesse, uma verdadeira obra-prima. Pois bem, eu estava presente quando o dono da casa o recebeu e quando o cedeu. Foi, nos dois casos, com a mesma desconfiança, após semanas de ruminação. Devemos reconhecer que, sob este aspeto, a sociedade corrompeu um pouco a franca simplicidade da sua natureza.

Repare bem que não estou a julgá-lo. Aprecio aquela desconfiança fundamentada e de bom grado partilharia dela se, como vê, a minha natureza comunicativa mo não impedisse. Sou loquaz, ai de mim!, e prendo-me com facilidade. Embora saiba guardar as distâncias convenientes, todas as ocasiões me são propícias. Quando estava em França, não podia encontrar um homem de espírito, sem que buscasse imediatamente o seu convívio. Ah! Noto que implica com este imperfeito do conjuntivo¹. Confesso o meu fraco por este modo e pela frase castiça em geral. Um fraco que eu me censuro, acredite. Sei bem que o gosto da roupa branca de qualidade não implica, forçosamente, que se tenha os pés sujos. Não impede. O estilo, como a popelina, dissimula muitas vezes o eczema. Consolo-me, dizendo comigo mesmo que, no fim de contas, os que mastigam as palavras também não são puros. Mas, com certeza, outra genebra.

Demora-se muito em Amsterdão? Linda cidade, não acha? Fascinante? Eis um adjetivo que não ouço há muito tempo. Precisamente desde que deixei Paris, já lá vão uns anos. Mas o coração tem a sua memória e eu nada esqueci da nossa bela capital, nem dos seus cais. Paris é uma

¹ Há que ter em conta, aqui e mais adiante, o facto de ter sido empregado, no original, o imperfeito do conjuntivo, de uso pouco corrente. (*N. do T.*)

autêntica ilusão de ótica, um imponente cenário habitado por quatro milhões de silhuetas. Perto de cinco milhões no último recenseamento? Está bem, devem ter feito meninos. Não me admiro. Sempre me pareceu que os nossos concidadãos tinham duas paixões violentas: as ideias e a fornicção. A torto e a direito, por assim dizer. De resto, evitemos condená-los; não são os únicos, é assim toda a Europa. Cismo, por vezes, no que dirão de nós os futuros historiadores. Bastar-lhes-á uma frase para definir o homem moderno: fornicava e lia jornais. Depois desta forte definição, o assunto ficará, se assim me posso exprimir, esgotado.

Os holandeses, oh!, não, são muito menos modernos! Têm tempo, repare neles. Que fazem? Ora bem, estes senhores vivem do trabalho daquelas senhoras. São, de resto, machos e fêmeas, umas burguesíssimas criaturas que têm o costume de vir aqui, por mitomania ou estupidez. Em suma, por excesso ou falta de imaginação. De tempos a tempos, estes senhores puxam pela faca ou pelo revólver, mas não julgue que com muito empenho. O papel o exige, eis tudo, e morrem de medo, disparando os últimos cartuchos. Assim sendo, parece-me mais moral neles do que nos outros, aqueles que matam em família, pelo desgaste. Não notou ainda que a nossa sociedade está organizada para este género de liquidação? Já ouviu falar, naturalmente, daqueles minúsculos peixes dos cursos de água brasileiros que se lançam aos milhares sobre o nadador imprudente e o limpam, em alguns instantes, a pequenas bocadas rápidas, não deixando mais do que um esqueleto imaculado? Pois bem, é essa a organização deles. «Quer ter uma vida limpa? Como toda a gente?» Dirá que sim, naturalmente. Como dizer que não? «De acordo. Vai ficar limpinho. Aqui tem um emprego, uma família, lazeres organizados.» E os dentes minúsculos cravam-se na carne até aos ossos. Mas sou injusto. Não é a organização deles que se deve dizer. Ela é a nossa, ao fim e ao cabo: é a ver quem limpará o próximo.

Enfim, cá está a nossa genebra. À sua prosperidade. Sim, o gorila abriu a boca para me chamar doutor¹. Nestas terras toda a gente é doutor ou professor. Gostam de ser respeitosos, por bondade e por modéstia. Entre eles,

¹ *Docteur*, no texto. Tratamento reservado aos médicos, em França. (N. do T.)

pelo menos, a maldade não é uma instituição nacional. De resto, eu não sou médico. Se o pretende saber, dir-lhe-ei que era advogado antes de vir para aqui. Agora, sou juiz-penitente.

Mas dê-me licença que me apresente: Jean-Baptiste Clamence, um seu criado. Muito gosto em conhecê-lo. Nos negócios, não é verdade? Mais ou menos? Excelente resposta! E judiciosa também; nós não estamos senão mais ou menos em todas as coisas. Vejamos, permita-me que faça de detetive. O senhor tem mais ou menos a minha idade, o olho sabido dos quadragenários que encararam todas as coisas mais ou menos sob todos os aspetos, veste mais ou menos bem, quer dizer, como é de uso entre nós, e tem as mãos delicadas. Logo, um burguês, mais ou menos! Mas um burguês apurado! Com efeito, o facto de implicar com os imperfeitos do conjunto prova duplamente a sua cultura, primeiro porque os reconhece, depois porque eles o irritam. Enfim, eu divirto-o, o que, sem lisonja, supõe no senhor uma certa perspicácia. É, pois, mais ou menos... Mas que importa? As profissões interessam-me menos do que as seitas. Permita-me que lhe faça duas perguntas e só me responda se as não julgar indiscretas. Possui bens? Alguns? Bom. Repartiu-os com os pobres? Não. É, portanto, aquilo a que eu chamo um saduceu. Se não é lido nas Escrituras, reconheço que não lhe adiantará muito. O quê, adianta? Conhece então as Escrituras? Decididamente que o senhor me está a interessar.

Quanto a mim... Pois bem, seja o senhor mesmo a julgar-me. Pela estatura, os ombros e este rosto que tantas vezes têm dito rude, eu teria mais o ar de um jogador de rãguebi do que outra coisa, não acha? Mas, se se ajuizar pela conversação, há que conceder-me um pouco de polidez. O camelo que forneceu a pele do meu sobretudo andava, sem dúvida, com sarna; em contrapartida, tenho as unhas cuidadas. Sou também sabido, eu, e no entanto abro-me a si, sem precauções, levado apenas pela sua aparência. Enfim, apesar das minhas boas maneiras e da frase castiça, sou um frequentador assíduo dos bares de marinheiros do Zeedijk. Vá, não procure mais. O meu ofício é duplo, eis tudo, tal como a criatura. Já lho disse, sou juiz-penitente. Apenas uma coisa é simples no meu caso, nada possuo. Sim, fui rico, não, nada reparti com os pobres. Que é que

isso prova? Que eu era também um saduceu ... Oh! Está a ouvir as sereias do porto? Esta noite vai haver nevoeiro sobre o Zuiderzee.

Vai-se já embora? Queira desculpar-me se porventura o demorei. Não paga nada, se me dá licença. Em *Mexico-City* está em minha casa e tive muitíssimo gosto em recebê-lo. Estarei aqui amanhã, com certeza, como nas outras noites, e aceitarei, muito grato, o seu convite. O caminho... Muito bem... Mas veria algum inconveniente, era muito mais simples, em eu o acompanhar até ao porto? De lá, contornando o bairro judeu, irá ter a essas belas avenidas onde desfilam elétricos carregados de flores e de músicas tonitruantes. O seu hotel fica numa delas, o Damrak. Primeiro o senhor, tenha a bondade. Eu moro no bairro judeu, ou o que assim se chamava até ao momento em que os nossos irmãos hitlerianos limparam tudo. Que barreira! Setenta e cinco mil judeus deportados ou assassinados é a limpeza pelo vácuo. Admiro esta aplicação, esta paciência metódica! Quando se não tem carácter, é preciso recorrer a um método. Aqui ele fez maravilhas, não haja dúvida, e eu moro nos sítios de um dos maiores crimes da história. Talvez seja isso que me ajuda a compreender o gorila e a sua desconfiança. Posso lutar assim contra esta tendência natural que me inclina, irresistivelmente, à simpatia. Quando vejo uma cara nova, alguém em mim dá o alarme. «Abrandar. Perigo!» Mesmo quando a simpatia é a mais forte, ponho-me de prevenção.

Sabe que na minha aldeia, no decurso de uma ação de represálias, um oficial alemão pediu delicadamente a uma velhota que fizesse o obséquio de escolher um dos seus dois filhos que seria fuzilado como refém? Escolher, imagine! Aquele? Não, este. E vê-lo partir. Não insistamos, mas, acredite, todas as surpresas são possíveis. Conheci um coração puro que se recusava à desconfiança. Era pacifista, libertário, abrangia num amor único a humanidade inteira e os animais. Uma alma de qualidade superior, sim, não há dúvida. Pois bem, durante as últimas guerras religiosas na Europa, ele retirou-se para o campo. Tinha escrito à entrada de casa: «Donde quer que venham, entrem e sejam bem-vindos.» Quem, no seu entender, terá respondido a este belo convite? Os milicianos, que entraram como na sua própria casa e o estriparam.